

A produção literária de autoria negra nos anos 1970 como literatura marginal: entre militâncias e contraculturas

RESUMO

Patrícia Marcondes de Barros
patriciamarcondesdebarros@gmail.com
Universidade Estadual de Londrina (UEL),
Londrina, Paraná, Brasil.

O objetivo deste artigo é analisar a produção literária de autoria negra no Brasil, nos anos 1970, a partir de sua inserção no campo da literatura marginal. Esse período foi marcado por uma intensa efervescência cultural, impulsionada por movimentos de protesto, ao mesmo tempo em que o país enfrentava o silenciamento de vozes dissidentes, promovido pela repressão da ditadura militar. Para compreender essa confluência de forças políticas, sociais e estéticas, o artigo se divide em duas partes: inicialmente, aborda-se o contexto histórico e social que moldou a produção literária negra na década de 1970; em seguida, analisam-se os principais traços que caracterizam essa produção, destacando-se as influências de escritores negros do século XIX e o impacto dos movimentos sociais e políticos que ganharam proeminência ao longo do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura de autoria negra. Ditadura militar. Movimentos sociais.

ITINERÁRIOS DIVERSOS

A literatura negra é um imaginário que se forma, articula e transforma no curso do tempo. Não surge de um momento para outro, nem é autônoma desde o primeiro instante. Sua história está assinalada por autores, obras, temas, invenções literárias. É um imaginário que se articula aqui e ali, conforme o diálogo de autores, obras, temas e invenções literárias. É um movimento, um devir, no sentido de que se forma e transforma. Aos poucos, por dentro e por fora da literatura brasileira, surge a literatura negra, como um todo com perfil próprio, um sistema significativo. (Octavio Ianni)

Para tratarmos da literatura de autoria negra nos anos 1970 como literatura marginal, faz-se necessário o entendimento inicial sobre o conceito de literatura marginal e o contexto de sua produção, em meio às lutas sociais e políticas. A literatura de forma ampla, e especificamente, a de autoria negra, não se desvincula do processo histórico de lutas, desde o período colonial brasileiro até os dias atuais em que se percebe a potência das margens periféricas através não só da literatura, mas também de outras linguagens como a música, que entram nesta dialogia, a exemplo dos gêneros rap e o funk. De forma ampla, tomamos o conceito histórico de literatura marginal, muito usado nos anos 1970, como representação de um grupo de jovens brancos da classe média de grandes centros urbanos como São Paulo, Rio e Salvador que resolveram escrever suas obras de forma independente com a utilização do mimeógrafo, fora do esquema editorial e dos cânones literários, modulados especificamente pela cultura de massa (e dentro dela, pela contracultura), impregnando um novo discurso de resistência frente à política.

É sabido que a literatura negra já nasceu marginal devido não só à não vinculação aos esquemas mercadológicos, mas, sobretudo, pela luta incessante contra a discriminação racial calcificada na sociedade. Tal produção toma forma com os movimentos sociais negros na década de 1970 e em sua esteira, com o surgimento dos Cadernos Negros, em 1978, que procurou organizar o discurso através desse coletivo, em um processo de desconstrução da tradição literária, imergindo na subjetividade negra, indo além da percepção da cor da pele, adentrando-se em sua raiz étnica e na construção sócio histórica. Neste processo, percebe-se a crítica à tradição literária canônica, burguesa e cristã e a uma tomada de consciência, sem interlocutores, assumindo assim, a potencialidade da sua voz. Zilá Bernd (2011) toma a produção do poeta, ficcionista, dramaturgo e ensaísta Cuti, pseudônimo de Luiz Silva, um dos fundadores dos Cadernos Negros, como a “poesia de consciência trágica”, relacionada a uma tomada de consciência que procurou transformar o estigma da escravidão em resistência, assumindo-se negro.

Este se “assumir negro” começou a ganhar forma em momentos históricos anteriores ao golpe militar de 1964, quando a discussão sobre a questão racial se tornou o centro dos movimentos negros que se realinhavam, cada vez mais, para uma perspectiva classista sobre o problema da negritude brasileira. Os negros se organizaram formando fronts de combate à discriminação, ganhando nuances também através da arte, a exemplo, do Teatro Experimental do Negro (TEN) de Abdias do Nascimento, que formou atores negros para o teatro (na época, havia proibição de atores negros nos palcos). Houve o intuito de se defender uma agenda política antidiscriminatória e promover a alfabetização e profissionalização da comunidade negra (DOMINGUES, 2007), que foi uma das mais importantes do

período. Essa organização de movimentos sociais a favor da causa negra não estava desvinculada de outros setores da sociedade, como a da intelectualidade brasileira, com várias produções importantes sobre o tema, a exemplo do livro intitulado *Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas* (1964) do jornalista, historiador, poeta, escritor e sociólogo Clóvis Moura¹. Florestan Fernandes refutou o “mito” postulado por Gilberto Freyre de democracia racial² e publicou pós-golpe militar dado em 1964 a obra *A integração do negro à sociedade de classes* (1965) e o historiador Joel Rufino dos Santos, escreveu junto a outros pesquisadores a obra didática *Nova História Crítica do Brasil* (1963), a qual foi censurada por propor um entendimento crítico acerca da questão do negro no Brasil³. Tomando este quadro histórico (sem maiores digressões históricas, pois a luta remonta aos primórdios da colonização brasileira), para entendermos as lutas sociais dos negros, em um primeiro momento, analisaremos de forma geral o contexto da produção de autoria negra na década de 1970, apresentando alguns movimentos e trabalhos realizados e, posteriormente, as influências estéticas e políticas que identificam este tipo de produção literária de autoria negra.

MOVIMENTOS SOCIAIS E IMPRENSA NEGRA

Os ecos das discussões travadas pelos movimentos sociais sobre a questão racial no Brasil e no mundo encontraram espaço especial no campo cultural e literário. A imprensa alternativa da época foi o meio de veicular uma contra informação àquilo que comumente era divulgada hegemonicamente a população através dos periódicos tradicionais. O tipo de imprensa que oferecia outras informações e entendimentos a diversos temas foi caracterizada por Bernardo Kucinski (2001) como alternativa, imbuído de caráter “assistemático e ideológico”, ou seja, não se tinha o intento mercadológico de alta produção e lucro, mas sim, em ser um território de livre pensamento em um momento de cerceamento da liberdade, no período ditatorial. Dos movimentos sociais como o *Movimento Negro Unificado*⁴ surgiram centenas de publicações da chamada “imprensa negra”, como o caso dos jornais: *Tição* (Porto Alegre, 1977), *Objetivo* (Uberaba, 1977), *Voz do Negro* (Belo Horizonte, 1984), *Jornegro* (São Paulo, 1978), entre outros, que eclodiram de Norte a Sul do país, especialmente, nas capitais brasileiras.



Jornal JORNEGRO, produzido pela Federação das Entidades Afro-Brasileiras do Estado de São Paulo (FEABESP), com primeira edição no início de 1978.

No campo literário surgiram vários nomes como o do poeta Solano Trindade (1908-1974), com o livro de poemas *Cantares do meu povo* (1963), obra voltada para a valorização da negritude e denúncia do racismo existente na sociedade brasileira, sempre alinhado a uma perspectiva política, como se pode perceber em *Canto dos Palmares* (1981):

O opressor convoca novas forças/vem de novo ao meu acampamento.../Nova luta./As palmeiras ficam cheias de flechas,/os rios cheios de sangue,/matam meus irmãos, matam minhas amadas,/devastam os meus campos,/roubam as nossas reservas;/tudo isto para salvar a civilização e a fé.../Nosso sono é tranquilo/mas o opressor não dorme,/seu sadismo se multiplica,/o escravagismo é o seu sonho/os inconscientes entram para seu exército...

Esta literatura de combate, engajada, advém não apenas dos ecos daquele momento histórico, mas do passado de escravidão, marcas presentes nos autores negros de séculos anteriores.

A presença do passado irá se constituir num dos eixos centrais da literatura negra ou afro-brasileira. A memória não apenas das lutas, mas também das práticas religiosas e outras formas de resistência cultural dá o tom da poesia de Aloisio Resende, em que os rituais dos terreiros ganham feição poética e isto num tempo fortemente marcado pelos ideais eugenistas difundidos pelo nazismo (ASSIS, 2013, p. 150).

Vale ressaltar que nem todos os movimentos sociais e culturais associados ao povo negro estavam relacionados a uma atuação política de esquerda institucionalizada; ao contrário, sua causa era por muitos, combatida não só pela direita, como também pela esquerda, pois acreditava-se que suas reivindicações acabariam por fomentar a divisão entre a classe trabalhadora. Mediante a ditadura militar ao debate racial, o ativismo negro entrou a partir de 1964 na clandestinidade (DOMINGUES, 2007, p. 111). Já KÖSSLING (2007) afirma que “os movimentos negros que nesse período articulavam protestos contra o racismo tornariam-se obstáculos à “integração nacional” e ameaçariam a “paz social”, ao desnudar a “desintegração” da sociedade brasileira.” (2007, p. 21). O golpe reprimiu todos os movimentos dissidentes ao sistema que tinham uma militância política ativa, como aponta Skidmore (1994):

A nuvem de repressão imposta pelos militares após 1968 tornou a pesquisa de campo sobre relações raciais virtualmente impossível. Não só a rubrica raça foi omitida no censo de 1970, mas sobretudo a censura governamental impediu toda e qualquer crítica à imagem da democracia racial brasileira. (SKIDMORE, 1994, p. 163)

Na fase ditatorial forjou-se uma integração de certos movimentos negros a uma falsa ideia de democracia racial, esvaziando assim, a essência do movimento. A partir da década de 1970, antagonicamente, surgiram novas organizações do

movimento negro, pautadas em influências estrangeiras e nacionais, como o *Black Power*, e a *soul music*, o samba e até mesmo a identidade visual, a exemplo dos cabelos apresentados sem nenhum subterfúgio estético branco. Reconhecer-se e afirmar-se negro, naquele momento, passou a ser um ato político. A formação de uma nova subjetividade se deu no entremeio entre a estética e a política. No âmbito da literatura, um *front* necessário de resistência, surge em 1978, os *Cadernos Negros*, produção que tem como objetivo, a luta pela democracia racial. A partir do número 18, incorporou o subtítulo *poemas afro-brasileiros e contos afro-brasileiro*, procurando ampliar a proposta deixada por escritores negros e expandir o espaço de publicação. Os escritos dos *Cadernos Negros* expressaram a identidade de pertencimento ao tema da negritude e a luta para a reversão da imagem de “negro-máquina” de trabalho, apresentando o escritor como consciente de seu papel transformador e também sobre suas condições de trabalho.

Segundo Horbach (2020, p.168):

[...] apenas 2,5% dos romancistas negros eram publicados, podemos supor que na década de 1970 esse percentual era muito menor. Nesse sentido, a iniciativa dos *Cadernos Negros* é um marco fundamental para a produção de literatura de autoria negra escrita na atualidade. Apesar de todas as diferenças formais e estéticas que pudessem aparecer entre os poetas negros, o grande mote da poesia publicada nos *Cadernos* era o da humanização desses sujeitos oprimidos e a denúncia da opressão. O prefácio da primeira edição, além de chamar a atenção para esses aspectos, também convocava os leitores ao engajamento político na causa.

Ao contrário da descrença na militância, algo corrente na literatura proposta pela geração do desbunde e reverberada através da literatura marginal, a literatura de autoria negra se fez como conteúdo político, demarcando uma representatividade em um terreno primordialmente, branco. Em contrapartida ao lema da contracultura de viver o “Aqui e Agora” inerente aos poetas marginais da década de 1970, a busca dessa representação negra literária era pela reconstrução do passado (outrora distorcido em favor do poder governante vigente), pela ancestralidade, pela dor, origem de todo o presente, pela memória, que muitas vezes jazia no discurso histórico. Era necessário ocupar os espaços dentro da narrativa histórica e para tanto ela deveria ser escrita por negros. Cuti, um dos fundadores dos *Cadernos Negros*, coloca esta sobreposição passado/presente/futuro em *Ida ao Mar*:

Eu vou ao mar ver a noite/ de olhos marejados de sóis/ e que soluça
há quatrocentos anos [...] / Eu vou ao mar ler nas conchas secretas/ o
futuro da minha gente/ porque nelas a paciência escreveu/ a verdade
da nossa luta/ e a perseverança que é preciso ter (CUTI, 1982, p. 23).

A ideia futura era a de não ser marginal, de ocupar seu espaço, como demonstra editorial de seu lançamento, em novembro de 1978:

[...] Neste 1978, 90 anos pós-abolição – esse conto do vigário que nos pregaram – brotaram em nossa comunidade novas iniciativas de conscientização, e *Cadernos Negros* surge como mais um sinal desse tempo de África-consciência e Ação para uma vida melhor[...]

Cadernos Negros é a viva imagem da África em nosso continente. É a Diáspora Negra dizendo que sobreviveu e sobreviverá, superando as cicatrizes que assinalaram sua dramática trajetória, trazendo em suas mãos o livro[...] - *Cadernos Negros*, vol. I, novembro, 1978.

Segundo Silva (2011, p. 308), o “livro” tratava-se da “capacidade de estimular pessoas que já tivessem experiências literárias, sendo autores isolados, autoeditados ou não, e os novos e inéditos, que quisessem tirar seus textos da gaveta”. Seguindo essas premissas, vale ressaltar que esta iniciativa perdura até os dias atuais, dando prosseguimento ao mecanismo de produções de autoria negra.

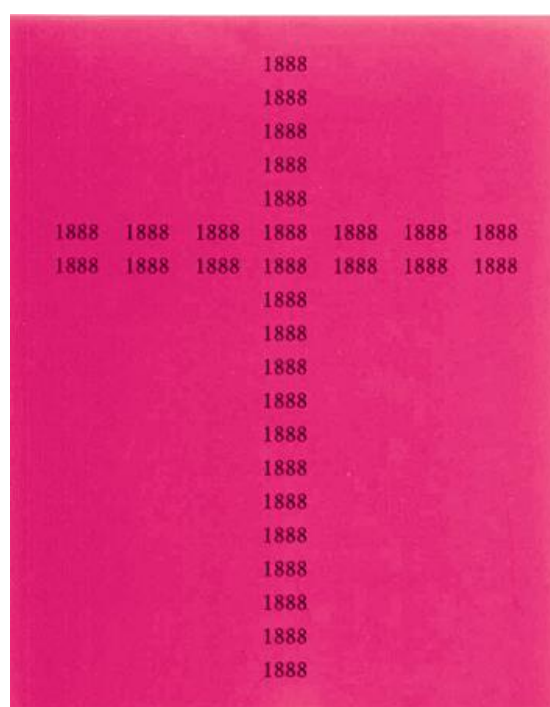
TRANS(NE)GRESSÃO LITERÁRIA

Hum tempo novo exige uma nova linguagem. E que esta Linguagem seja exatamente o sentido) quizilista (, o gesto (xangótico), a sugestão)ebólica(, a careta (quilombística), a escrita)exusiaca(que o corpo do negro aponta de forma própria irreversível. (Arnaldo Xavier)

José Rufino dos Santos, historiador, professor e escritor brasileiro, ao sair da prisão pelo regime ditatorial, em meados de 1974, relata sua surpresa com “o caldeirão de novidades” trazido pelos anos 1970:

[...] me surpreendi com um verdadeiro movimento de massas, os movimentos negros. Cabeludões, sapatudos, túnicas, se comunicando em um novo vocabulário, atrevidos, encenqueiros, imitando *Shaft*, *soul*, dançando *reggae*, pareciam ter ocupado a cidade que eu conhecera. Não eram também classe operária, mas filhos de operários, encurralados em guetos da Grande São Paulo, da Baixada Fluminense, em São Luís, Salvador, Recife... Sem continuada instrução formal sabiam, no entanto de Samora Machel, Agostinho Neto, Amílcar Cabral, Jommo Kenniata, N’Krumma e do maior de todos, Nelson Mandela, Carmichel, Angela Davis e militantes da descolonização externa e interna dos povos negros. (BRASIL, 2014)

A década de 1970 trouxe à tona grandes transformações comportamentais e políticas levadas a cabo pelos jovens da contracultura no mundo todo. A busca pela visibilidade de novos projetos sociais e, portanto, de uma nova sociedade como presumia a contracultura, se fizeram presentes em movimentos negros no Brasil e mundo afora. As formas de contestação também adquiriram nuances diversas e na literatura de autoria negra, não foi diferente. A proposta mais estruturada de coletivos literários negros traçava-se a dialogia entre indivíduo e sociedade, sendo esta última à razão da existência humana. Os literatos negros possuíam suas especificidades, não sendo um grupo homogêneo e muitos estavam identificados não apenas com a linguagem politizada da militância, mas também com o experimentalismo da contracultura. Arnaldo Xavier, Oliveira Silveira, Bélsiva, Éle Semog, Cuti, entre outros a exemplo, criaram suas formas de produção, que caracterizaram em um primeiro momento, a literatura marginal e, posteriormente, a literatura independente dos anos 1980.



Caligrama, *sem título*, o poeta Arnaldo Xavier fez em comemoração aos cem anos da abolição da escravatura, criticando o cristianismo. Disponível em: <http://www.cronopios.com.br/site/ensaios.asp?id=2456>

Dentro da produção inicialmente marginal e depois, independente, destaca-se, Arnaldo Xavier, poeta paraibano, que utiliza o termo transgressão, na tentativa de sintetizar seu modo de pensar e de trabalhar artisticamente. Ele remete não apenas ao gesto de transgredir uma ordem canônica presente na literatura brasileira, mas busca situar o negro nessa transformação, interagindo de forma radical e produtiva.

Segundo Ronald Augusto:

O compósito verbal transgressão, cunhado por ele, tenta dar conta – através da justaposição dos vocábulos (negro + transgressão), ao estilo da montagem cinematográfica – de uma proposta estética interessada em lesar tanto as idéias feitas que orientam nossas filosofias de vida, quanto à imagem de um cânone totalizante, “universal”, vantajoso (para quem?) a ponto de poder ser aplicado em qualquer tempo-espaço (AUGUSTO, 2007, p. 99).

Arnaldo Xavier nos oferece uma literatura antropofagicamente nacional, buscando a essência de uma produção negra brasileira, refletindo sobre as mazelas da escravização e do colonialismo europeu e norte-americano. Em *Dha lamba á qvizila* (“do chicote à raiva”, em yorubá) tem-se a transgressão do código linguístico, utilizando-se espontaneamente a neologismos, as inversões sintáticas das palavras, subtração de letras, entre outros recursos diferenciados. É assim perceptível, a busca da ancestralidade através das palavras de origem yorubá e a provocação trazida no título, inerente ao perfil do autor. Através dos trocadilhos, havia o intento de desidealização do *Brasiloyro* pelo “Axévier”, ou seja, a desconstrução da ideia de Brasil branco em forma e conteúdo (XAVIER, 1986,

p.89). Era necessário tocar nos assuntos políticos debatendo o falso mito de democracia racial, mas também apresentá-lo em novas linguagens e formas e neste aspecto converge com as formas artísticas daquele momento, inclusive como a antagônica literatura marginal classe média branca. A revolução se daria por fora e por dentro, na história e literatura, na reapropriação de seus códigos, recorrendo muitas vezes ao imaginário do candomblé.

Sobre a composição da literatura negra, temos algumas características próprias, contudo, dentro de um grupo heterogêneo na forma de se traduzir o movimento. Essencialmente se identifica como literatura negra, aquela que se debruça sobre esta temática, tendo um narrador negro/a, que compreende assim, o “universo humano, social, cultural e artístico de que se nutre essa literatura” (IANNI, 1998, p.54). Zilá Bernd (1998) postula que essa literatura deve apresentar um sujeito de enunciação que se afirma e se quer negro, tomando consciência desse lugar. No âmbito da linguagem, há uma construção de discurso próprio modulado por um vocabulário pertencente às práticas linguísticas vindas da África e ressignificadas no Brasil. Todos esses aspectos, mais os receptores da obra, o público, que completa o sentido da leitura, não pode ser tomado separadamente, mas sim, em dialogia, para se compreender a caracterização da literatura de autoria negra.

No concernente ao aspecto da temática negra como identificadora dessa identidade literária, são colocadas em textos, as tradições culturais, destacando os mitos, as lendas e todo um imaginário circunscrito muitas vezes à oralidade, restituindo a palavra falada à ancestralidade. Os ritos são importantes no entendimento da formação do imaginário coletivo e, portanto, os elementos rituais e religiosos são determinantes em inúmeros autores tanto da década de 1970, como outros da atualidade. A exemplo, temos a obra de temática urbana *Cidade de Deus*, de Paulo Lins:

Os novos moradores levaram lixo, latas, cães vira-latas, exus e pombagiras em guias intocáveis, dias para se ir a luta, soco antigo para ser descontado, restos de raiva de tiros, noites para velar cadáveres, resquícios de enchentes, birosas, feiras de quartas-feiras e as de domingos, vermes velhos em barrigas infantis, revólveres, orixás enroscados em pescoços, frango de despacho, samba de enredo e sincopado, jogo do bicho, fome, traição, mortes, jesus cristos em cordões arrebitados, forró quente para ser dançado, lamparina de azeite para iluminar o santo, fogareiros, pobreza para querer enriquecer, olhos para nunca ver, nunca dizer, nunca, olhos e peito para encarar a vida, despistar a morte, rejuvenescer a raiva, ensanguentar destinos, fazer guerra e para ser tatuado (LINS, 1998, p.18).

A obra de Lins (1998) revela outra vertente temática que circunscreve esta literatura: o cenário de exclusão e marginalização, localizada na periferia das grandes metrópoles, acentuando a narrativa das lutas diárias dos negros, e revelando a faceta de vida difícil e violenta.

Sobre autoria a questão é emblemática, pois não é necessariamente preciso ser negro para se fazer uma Literatura Negra, assim como o negro pode em sua literatura traduzir outras realidades que não a sua, ou seja, a autoria relaciona-se intimamente ao ponto de vista. Assim, a literatura de autoria negra produz uma discursividade que ressalta ritmos, entonações, opções vocabulares e, mesmo,

toda uma semântica própria, empenhada muitas vezes num trabalho de ressignificação que contraria sentidos hegemônicos na língua portuguesa. Busca romper com os contratos de fala e escrita impostos pela cultura branca, objetivando a configuração de reversão dos valores. Num contexto tão adverso, duas tarefas se impõem: primeiro, a de levar ao público a literatura afro-brasileira, fazendo com que o leitor tome contato não apenas com a diversidade dessa produção, mas também com novos modelos identitários propostos para a população negra; e, segundo, o desafio de dialogar com o horizonte de expectativas do leitor, combatendo o preconceito e inibindo a discriminação sem cair no simplismo panfletário, muitas vezes maniqueísta. A distância entre este mundo literário e seu público é diminuída através da música e dança, performances realizadas aonde o “povo negro está”. O mundo digital também é uma saída para dar ao movimento literário negro a visibilidade de suas lutas, revelando a potência de sua voz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se neste artigo, trabalhar de forma geral a literatura negra, enquanto uma literatura marginal, assim como identificar os elementos de uma obra eminentemente negra neste âmbito. Para tanto, em um primeiro momento contextualizamos tal produção na década de 1970, no devir da repressão ditatorial brasileira e de movimentos de protesto, como a exemplo da contracultura. Antagonicamente ao momento de repressão e silenciamento, houve um processo de resistência que alavancou os movimentos negros que se expressaram através das artes e da imprensa alternativa, dando voz a este grupo, ganhando visibilidade. A princípio entendemos que o conceito de Literatura Marginal está atrelado a um grupo de jovens classe média que optaram por esta forma de resistência que se transformou em estilo de vida livre, respaldado pela cultura de massa e dentro dela, sua panaceia, que foi o movimento contracultural que irrompeu no mundo e ganhou nuances específicas no Brasil. Através do mimeógrafo, produziram suas obras e jornais, sem ter que passar pelo crivo das grandes editoras, tendo liberdade total para experimentarem novas linguagens para a poesia. Como preconiza Medeiros (2011, p.83), no caso da Literatura Negra foi diferente, pois a marginalidade não era uma opção, e sim uma situação enredada estruturalmente na sociedade brasileira desde os primórdios do processo colonizador. Há neste caso, a tentativa de sair dessa condição de invisibilidade, marginalidade. A partir dos anos 1980, os poetas marginais brancos de classe média foram publicados por grandes editoras, respaldados inclusive, pela academia, enquanto a Literatura Negra foi situada ainda dentro de lugares recônditos, para um determinado público, alcançando o século XXI como transgressora, acentuando o lócus social de marginalidade dos negros.

NOTAS

1 - Segundo Silva (2015, p. 229) o pensador piauiense “propõe o reconhecimento do papel do africano na cadeia de produção de riqueza no país, considerando a realidade concreta, isto é, observando desde a primeira leva de africanos trazidos para o Brasil na condição de escravo, pari passo com o processo de ampliação da colonização em curso, levada pelas potências europeias. O exame teórico de Moura não deixa dúvidas quanto à participação do africano escravizado no processo de desenvolvimento social, político e econômico brasileiro. O negro foi um dos protagonistas do enriquecimento do europeu e, ao mesmo tempo, possibilitou a consolidação da classe dominante brasileira, que por sua vez, buscou, por meio da história oficial, escamotear a contribuição na constituição do país”.

2 - Segundo Souza (2000, p. 136): “Gilberto teria sido o criador do conceito de ‘democracia racial’, o qual agiu como principal impedimento da possibilidade de construção de uma consciência racial por parte dos negros”. O conceito é muito elucubrado e ressignificado em cada devir histórico, desde quando foi postulado no governo populista de Getúlio à época de ditadura militar de 1964, pelos movimentos sociais, destacando a ideia de “mito” em contraponto à realidade vivida.

3 - O historiador, indo além da superfície da questão comumente mascarada pela governança da época, caminhou na contramão da história oficial, tratando a princípio da Lei Áurea como uma medida que ainda reproduz a discriminação racial, reverberando socialmente, economicamente e perpetuando assim o preconceito racial histórico, oriundo da escravização de povos negros apenas de forma paliativa, buscando desmobilizar os movimentos abolicionistas para refrear a “radicalidade” de certas parcelas desses movimentos. A Lei Áurea de 1888, segundo ele, não representou a libertação do povo negro, mas sim deu continuidade a sua subordinação. A liberdade foi circunstanciada por uma situação precária de vida despossuída de bens, propriedade e alicerçada na marginalidade e discriminação.

4 - Realizou-se em São Paulo, no dia 7 julho de 1978, na área fronteira ao Teatro Municipal, junto ao Viaduto do Chá, uma concentração organizada pelo autodenominado “Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial”, integrado por vários grupos, cujos objetivos principais anunciados são: denunciar, permanentemente, todo tipo de racismo e organizar a comunidade negra. Embora não seja, ainda, um “movimento de massa”, os dados disponíveis caracterizam a existência de uma campanha para estimular antagonismos raciais no País e que, paralelamente, revela tendências ideológicas de esquerda. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-movimento-negro> (Acesso em 02/01/2023)

Black authorship as marginal literature in 1970's Brazil: between militancy and counterculture

ABSTRACT

This article aims to analyze the literary production of Black authors in Brazil during the 1970s, considering its insertion within the field of marginal literature. This period was marked by intense cultural effervescence, driven by protest movements, while the country simultaneously faced the silencing of dissident voices through the repressive apparatus of the military dictatorship. To understand the convergence of political, social, and aesthetic forces, the article is divided into two parts: it first examines the historical and social context that shaped Black literary production in the 1970s; it then analyzes the main features that characterize this body of work, highlighting the influences of 19th-century Black writers and the impact of social and political movements that gained prominence throughout the 20th century.

KEYWORDS: Black authorship. Military dictatorship. Social movements.

REFERÊNCIAS

- ANTÔNIO, Carlindo Fausto. Cadernos Negros: esboço e análise. Dissertação. 2005. Tese. Doutorado (Literatura Geral e Comparada). Universidade Estadual de Campinas, 2005, 262fs.
- AUGUSTO, RONALD; Transnegressão. In: AFOLABI, Niyi; BARBOSA, Márcio, RIBEIRO; Esmelada (Orgs) A mente afro-brasileira. Trenton-EUA / Asmara-Eritreia: Africa World Press, 2007.
- BERND, Zilá. Introdução à literatura negra. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BERND, Zilá. (Org.). Antologia de Poesia afro-brasileira; 150 anos de consciência negra no Brasil. Belo Horizonte: Mazza edições, 2011.
- BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. Tomo I, Parte II. Disponível em:
- <http://comissaodaverdade.al.sp.gov.br/relatorio/tomo-i/parte-ii-cap1.html>
- CADERNOS NEGROS, vol. 1, nov.1978.
- CUTI. Batuque de tocaia. Edição do autor: São Paulo, 1982.
- DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro brasileiro. Alguns apontamentos históricos. Tempo 12/23, UFF/Niterói, 2007. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413770420070002000
- KÖSSLING, Karin S. As lutas anti-racistas de afro-descendentes sob vigilância do DEOPS/SP (1964-1983), Dissertação [Mestrado], São Paulo: FFLCH/USP, 2007.
- KUCINSKI, Bernardo. Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa. Editora Página Aberta Ltda, 2001. Disponível em: http://marcosfaerman.com.br/1991_JornalistasRevolucionarios.pdf (Acesso em 04/01/2023)
- LINS, Paulo. Cidade de Deus. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- HORBACH, Ana Laura. Autoria e resistência negra na ditadura civil-militar no Brasil. Nau Literária- Crítica e Literatura em língua portuguesa, UFRG. Rio Grande do Sul. v.17, n.1, 2020.

IANNI, Octavio. Literatura e consciência, em Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. Edição Comemorativa do Centenário da Abolição da Escravatura, nº. 28. São Paulo: USP, 1988.

SILVA, Mário Augusto Medeiros. A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Tese (doutorado).Campinas, SP: [s. n.], 2011.

TRINDADE, Solano. Cantares ao meu povo. Editora Brasiliense, 1981.

SKIDMORE, Thomas. O Brasil visto de fora. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

XAVIER, Arnaldo. Dha Lamba à Qvizila – A Busca Dhe Hvma Expressão Literária Negra In: I Encontro de Poetas e Ficcionalistas Negros Brasileiros. (org.) Criação Crioula, Nu Elefante Branco, São Paulo: Imesp, 1987.

Recebido: 26 abr. 2025.

Aprovado: 26 mai. 2025.

DOI: 10.3895/rde.v16n27.20178

Como citar:

BARROS, P.M. A produção literária de autoria negra nos anos 1970 como literatura marginal: entre militância e contraculturas. Dito Efeito, Curitiba, v. 16, n. 27, p. 59-71, jan./jun. 2025. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/de>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

